



Leonardo Marinho
e a enteada Maria
Eduarda Alves:
pedido para
chamar de pai

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

Fotos: Arquivo pessoal



Rita Helen e João Macedo Prado: pai do coração



José Roberto Biazon com a filha, Rita Helen, e os quatro netos: pai biológico

Dois pais, sem precisar escolher

A bacharel em direito Rita Helen, de 48 anos, também aprendeu que o amor não precisa ser dividido ou colocado em disputa. Ela tinha apenas 12 meses quando João Macedo Prado entrou na vida de sua mãe, casou-se com ela e a registrou como filha. “Passei a carregar seu sobrenome e, mais do que isso, passei a carregar o seu amor”, afirma.

Na infância, a existência de dois pais causava algumas dúvidas. Dentro de casa, porém, Rita cresceu cercada por afeto. “Hoje entendo que pai não é quem apenas participa do nascimento. Pai é quem decide permanecer. Meu pai Prado me escolheu todos os dias da vida dele”, define.

O pai biológico, José Roberto Biazon, sempre viveu em Brasília, mas os dois permaneceram distantes durante muitos anos. Há cerca de uma década, decidiram reconstruir a relação. Rita realizou o reconhecimento tardio de paternidade, passou a usar, oficialmente, o

sobrenome Biazon e conheceu a avó, os irmãos e outros familiares paternos. “O mais bonito é que meu pai Prado nunca viu isso como uma ameaça. Pelo contrário, ele me apoiou em cada passo dessa aproximação”, observa.

A busca pelas origens não diminuiu o vínculo com o pai que a criou. “Meu coração nunca precisou escolher entre um pai e outro. Ele sempre teve espaço para os dois.”

A relação com Prado foi marcada pela presença. Ele incentivou os estudos da filha, apoiou sua formação em direito e acompanhou momentos importantes da vida dela e dos quatro netos. “Ele sempre me chamava de ‘filhinha’. Nunca deixou passar um aniversário meu ou dos meus quatro filhos sem um abraço apertado e suas gargalhadas inesquecíveis”, adiciona.

Prado morreu em 2020, durante a pandemia da covid-19. A família não pôde visitá-lo nem se despedir.

“Não houve um último abraço. Não houve despedida. Recebemos um caixão lacrado.”

Entre os filhos, Rita foi escolhida pelo pai para acompanhar os boletins médicos e receber informações sobre o tratamento. “Entre tantos filhos biológicos, fui eu — a filha escolhida pelo coração — quem ele escolheu para acompanhar tudo. Esse foi o maior reconhecimento de amor que poderia receber”, enfatiza. A saudade permanece, mas também o legado. “O amor verdadeiro nunca morre. Ele apenas muda de endereço.”

Hoje, Rita diz carregar dois sobrenomes, duas histórias e dois pais. A maior lição, porém, veio daquele que decidiu criá-la. “Família não é apenas quem nos gera; é, sobretudo, quem nos escolhe e permanece ao nosso lado”, destaca.